



IX

Escritos

Contos, Crônicas & Poesias

Organização
Benedito Saldanha

EDITORA
REVOLUÇÃO CULTURAL

Organização: Benedito Saldanha

Escritos IX

Porto Alegre/RS
2017

TOMEI UM ITA NO NORTE

Maria do Carmo P. Coelho

Nasci cinco anos após fumaceira e mortandade da II Guerra Mundial. A maior parte de minha juventude transcorreu à espera que a educação fosse uma atividade valorizada pelo meu país. Cresci em Santa Izabel do Pará, onde a vontade de prosseguir nos estudos poderia ser podada rente à raiz. Um refrão definia o estilo daquela cidade: "Boa romaria faz quem na sua casa fica em paz."

Aprendi a ler na máquina de costura da minha mãe. Li o nome "Alfa". Com essa descoberta minha mãe ficou muito feliz. Passei por todo ensinamento antigo da escola tradicional do Grupo Escolar Sílvio Nascimento. Com três meses na escola, com a professora Julieta, aprendi sobre parentesco, matemática e a escrever o cabeçalho da escola. Somente com 14 anos, conheci uma espécie de coleção da qual não lembro o nome. Foi na casa dos meus tios Walder e Nadir Pereira. Nessa época passei a ter um monte de livros didáticos. Corria para a estante, tirava um volume, abria em cima da mesa, e ficava de bruços devorando as páginas. No primeiro ano ginásial decorei todos os meus livros de História e de Geografia. Estudava com afinco latim, francês e inglês. Somente com 23 anos devorei a obra de Monteiro Lobato, e me encantei com seus personagens. Os livros didáticos nos passavam informações da forma não tão agradável, noção de astronomia, de geologia, de história, de literatura. Meu tema predileto eram os homens e mulheres célebres. Também tinha predileção por uma revista de geografia que me mostrava em cada edição um Estado do Brasil. Desde bem nova, sonhava em poder conhecer todo o meu país. Graça a Deus que consegui realizar esse meu tão audacioso sonho.

Antes mesmo de entrar na faculdade de Letras, li vários contos de Machado de Assis que minha amiga Inácia havia me emprestado. Na casa da Inácia, cedo seus irmãos liam histórias em

quadrinhos. Confesso que achava que eles eram uns felizardos. Eles moravam em outra cidade mais próxima (em Castanhal).

Em Belém, podíamos visitar bons médicos. Os doentes psiquiátricos perigosos eram enviados para um hospital o Juliano Moreira. Com meus pais, quando eu passeava no Bosque Rodrigues Alves, em Belém, podia ver doentes mentais pelas grades do Juliano Moreira (perto do Bosque). Naquele tempo não se falava em psicólogos, nem em psiquiatras. O tratamento dado aos "loucos" mudou por volta de 1970. Nesta mesma época teve início a revolução sexual. Será que estes acontecimentos têm alguma conexão?

Dois fatos recentes desencadearam a minha reflexão quase que constante com o passado. Um deles foi a perda de um ente muito querido da família.

Decidi, então, dar uma olhadela na minha vida, após uma sobrinha me dizer:

- Escreva, titia, porque meu pai morreu e, agora, como eu gostaria de poder ler sobre o que ele pensava.

O outro acontecimento foi a perda de algumas salas de aula onde ministrava Língua Portuguesa. Estupidamente, fui transformada em professora de Metodologia Científica para alunos do curso de Contabilidade. Atualmente, a disciplina Leitura e Produção de Textos é oferecida pelo sistema de aprendizagem à distância o qual passei a chamá-lo de aprendizagem sem distância. De início, não fazia parte do grupo que se apaixonou por essa forma de ensinar e de aprender. Com o tempo e com a prática, me transformei, me convenci de que o ensino a distância pode aproximar pessoas.

De fato, acredito na convivência boa que se pode estabelecer em aulas presenciais. Nelas, cada aluno aos poucos vai fazendo amizade com os colegas e até vai adquirindo hábitos salutarés de organização de estudo, de discussão.

Dirigir uma sala de aula, embora seja um esforço demasiado, acostumei-me a fazer tanto esforço a ponto de às vezes ter de

recorrer ao Padre Antônio Vieira que, no Sermão do Espírito Santo, que diz: *devemos notar a diferença dos termos, e ver quanto vai de dizer a ensinar porque uns aprendem, outros não, porque para aprender não basta só ouvir por fora: é necessário entender por dentro.* Assim, para eu convencer meus alunos *não bastam só palavras, são necessárias palavras, luz, sabedoria, amor.*

Na sala de aula, ainda citando Vieira, *é necessário muito mais amor de Deus que em nenhuma outra atividade.* E por quê? Por dois princípios: o primeiro, pela diferença dos alunos; o segundo, pela dificuldade em aprender. *Temos que conseguir tocar no coração dos alunos.* Infelizmente, encontramos aprendizes que recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade. Já outros argumentam, replicam, duvidam, o que deve ser incentivado. No dizer de Vieira, *assim como Deus está sempre criando o criado, assim como os mestres e pregadores hão de estar sempre ensinando o ensinado,* digo que um aluno, na interação com seus pares, pode não só tornar-se um homem, mas um cidadão. Podemos instalar nele a humanidade, matando a ignorância; e introduzindo o conhecimento; a razão. Dessa forma, o trabalho do professor é também divino quando consegue motivar os jovens para o lado do bem. Tenho a convicção de que é muito bom preparar alguém a querer ensinar, preparar educadores.

Confesso que me identifiquei com o *Sermão do Espírito Santo de Vieira*, porque sinto muita dificuldade de conseguir que meus alunos aprendam a escrever um resumo, um texto. De um modo geral, eles me apresentam algo sem lógica. Sei que essa dificuldade vem da falta de leitura. Quem não lê, dificilmente escreve algo. Conheci um aluno que toda terceira palavra do seu texto era o *onde*. Quando eu o ensinava que há um conflito na narrativa, ele me perguntava: “há um conflito onde?” Quem sabe a conflitada não era eu.

Nasci no terceiro mundo, não sei onde fica o segundo, mas não tenho a intenção de sair do meu país a menos que surjam motivos para isto. Do futuro nada sabemos.

Além da sala de aula, outro esforço que considero demasiado é viajar. Não podemos somente ficar viajando. Mesmo assim, viajei muito. Conheço muito bem meu país e outros mais. Da viagem, para mim, o melhor é a volta.

Um dia escolhi Brasília para morar e deixei Belém do Pará, lugar para o qual alguém compôs uma música, cujos versos são: *deixei o Ita no Norte, e fui pro Rio morar, adeus, meu pai minha mãe, adeus, Belém do Pará*. Saí de lá não de Ita, mas de ônibus pela estrada Belém-Brasília. Fiz este esforço porque gostaria de me aposentar como professora.

Ledo engano. Já me aposentei e ainda ando à procura de um melhor salário para curtir minha velhice. Deixei a cidade onde nasci e onde vive grande parte da minha família. Não sei se perdi a felicidade, mas sei que insisto em não me esquecer dos momentos que por lá vivi.

Várias vezes, vi-me insistindo em partir. Por este motivo, conheci grande parte do meu Estado, porque aceitava ministrar aulas pelas cidades do Baixo Amazonas. De lá guardo boas lembranças de Santarém, de Itaituba, de Porto de Mós, de Belterra, de Fordlândia etc. Vivía me despedindo nos aeroportos, nos portos e nas estradas. Não perdi as minhas raízes, pois vivo criando outras e, na minha memória, busco fincar raízes mil. Por incrível que pareça, cheguei até a me apaixonar por dois entes sobrenaturais da Amazônia: *O Minossauro* (criação do escritor Benedito Monteiro) e o gigante *Iacurutu* (lenda onde há uma árvore, cujos frutos são as armas de uma guerra entre tribos rivais). O primeiro mito fez parte do CORPUS de análise de minha dissertação de mestrado. O segundo, do doutorado.

Atualmente, digo que sou paraense e brasiliense, porque vivi 30 anos em Belém e mais de 30 em Brasília. Sei que sou brasileira de coração. Quando um atentado terrorista destruiu as torres

gêmeas do *World Trade Center*, fiquei mais insegura ainda no mundo. Confesso que algumas coisas mudaram na minha cabeça a partir daquela tragédia. Fiquei menos alienada.

Escrevo essas páginas do ponto mais elevado do prédio onde moro, do quinto andar, embora gostasse de poder escrever de um lugar mais alto, pois tenho complexo de Atlas, embora não tenha nem nascido num planalto. É um lugar rodeado por escolas e igrejas. Em Belém do Pará, a nossa vizinha mais próxima era a igreja de Nossa Senhora do Carmo. Hoje, também, moro bem perto da igreja desta mesma santa. Penso que ela insiste em querer me proteger, porque tenho o seu nome. Não vejo nenhuma baía daqui do meu apartamento, nenhuma água, nem o lago Paranoá, o que é lamentável. Vejo o pôr do sol, e quando posso contemplá-lo me emociono. Tenho quase a mesma idade da descoberta da penicilina sintética. Por isso começo a me lembrar de coisas que até bem pouco tempo não me interessavam. Hoje ficaria feliz se encontrasse o caderno de anotações do meu pai sobre os filmes que projetava no *Cine Palace* de sua propriedade. Como eu gostaria de saber os títulos dos filmes que embalaram a minha infância e a minha juventude! Tenho um amigo que conseguiu escrever um livro bonito a partir da caderneta de sua avó. Sortudo esse meu amigo! Curiosamente, o livro recebeu este mesmo nome – *Caderneta da minha avó*. Durante décadas, não pensei em minha infância nem na minha adolescência. Ultimamente, comecei a escrever e escrevi mais de cem poemas sobre esse período. A infância feliz é um mito. Cora Coralina é uma boa testemunha disto. Os contos infantis também não são sopa. Nunca me esqueço do lobo com a barriga cheia de pedras se afogando no rio devido ao peso delas. Para Isabel Allende, as atrocidades dos contos de fada confirmam, certamente, a tese de que na infância nada é simples nem humano. Naqueles meus tempos de criança, a surra corria solta nas casas. Felizmente, escapei dela, mas guardava um medo maior do que o das crianças que apanhavam de seus pais.

Diante de minha família nunca me senti uma estranha. Para uma famosa escritora afro-americana, um sentimento comum que experimentam os escritores é o de se sentir um estranho dentro da sua família, como um patinho feio. Nunca experimentei esse sentimento.

Desde menina assumi que pertencço à classe média. Durante longo período da juventude, assumi o catolicismo como religião. Depois, conheci o livro *Evangelho Segundo o Espiritismo* de Allan Kardec com o qual aprendi a perdoar e a ver a vida como ela se apresenta.

De certa forma, a curiosidade me trouxe alguma vantagem porque participei de incontáveis eventos, escrevi alguns livros. E, hoje, em Brasília, faço esta crônica para vocês, meus leitores.

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆



MARIA DO CARMO PEREIRA COELHO é paraense. Foi professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Pará e da Fundação Educacional do DF. É professora de Língua Portuguesa no Centro Universitário do Distrito Federal - UDF, Brasília - DF e é mestre em Literatura e doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Atuou em cursos de formação de professor. Publicou *Elementos Míticos no Minossauro* (Editora Regional, em 1990), e *Material Instrucional de Língua Portuguesa para o curso semipresencial de graduação* (UDF, Brasília, 2006). Recebeu título de Acadêmica do Ano de 1992 das Academias Fronteiriças de Letras do RS - Uruguaiana. Aposentou-se como professora da Fundação Educacional do DF. Como consultora, dedica-se às questões relativas à leitura, ao ensino de produção de texto e tem colaborado com artigos para revistas. Atualmente, dedica-se, também, à docência presencial e "on-line" e a escrever memórias.